

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO UNIVERSO FEMININO EM LIVROS DIDÁTICOS DE FRANCÊS (LÍNGUA ESTRANGEIRA)¹

Maristela F. P. Pavanello

Resumo: Neste trabalho analisamos três livros didáticos de francês, como língua estrangeira (FLE) – “Le Nouveau Sans Frontières”, “Le Nouvel Espaces” e “Tempo” (volumes 1 e 2) –, visando uma reflexão sobre a questão do fator gênero aos processos no ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LE) através da observação de representações do universo feminino nesses materiais didáticos. Trata-se de um percurso transdisciplinar da Lingüística Aplicada (LA) com a Análise do Discurso (AD), levando-se em conta a interdependência da materialidade lingüística e processo discursivo na produção de sentidos. Focaliza-se, especificamente, o domínio das relações homem-mulher na esfera pública (contexto profissional) e na esfera privada (contexto doméstico-familiar). Para a análise de representações é realizado um exame de ressonâncias discursivas em torno de itens lexicais e em torno de modos de dizer. Procuramos, enfim, sensibilizar “formadores” para a necessidade de uma conscientização de professores de LE para a importância do estudo de representações sociais e das ressonâncias discursivas, que participam de sua construção,

¹ Este artigo é uma síntese da dissertação de mestrado da autora, em Lingüística Aplicada, Língua Estrangeira, na UNICAMP, em dezembro de 1999.

como critério imprescindível na avaliação do livro (e de outros materiais) didático(s), considerando central a prática discursiva em contexto pedagógico.

Palavras-chave: análise do discurso, língua francesa, material didático, aquisição de segunda língua.

Introdução

Este trabalho é fruto de reflexões minhas, advindas na prática de ensino de FLE. Tais reflexões levam em conta a importância e a necessidade de se problematizar questões socioculturais em contexto pedagógico. Analiso a questão do gênero, portanto, como um ângulo para esta problematização.

Gênero é conceito central da teoria do feminismo. Nessa perspectiva, a relação entre sexo e gênero é ideológica, uma vez que as diferenças físicas são usadas de forma a exigir uma identidade particular de gênero, sendo tal relação determinada histórica e culturalmente. Portanto, a suposta “inferioridade” da mulher não é dada biologicamente, mas na estrutura social. A coerência dessas asserções pode ser observada nas mudanças de papéis, imagens e sentidos de feminilidade e masculinidade que vêm ocorrendo através dos tempos e das culturas (Smelik, 1998). Homens e mulheres têm, em suas mentes, uma figura do que se entende como “comportamento masculino” e “comportamento feminino” e essas imagens de um e de outro são construídas com base nos valores sociais e culturais.

Ao longo da história da humanidade, a relação homem/mulher construiu-se como uma relação de domínio do homem sobre a mulher. Segundo Oliveira (1997), uma das explicações pode estar orientada na psicanálise: para Freud, meninos e meninas estão ligados à mulher pelo nascimento. Contudo, enquanto a menina cresce a partir de uma identificação com a mãe, o menino, por sua vez, precisa diferenciar-se desta e penetrar no mundo dos homens a fim de encontrar sua identidade

(o encontro da identidade pela negação). De acordo com essas bases teóricas, a dificuldade de homens e mulheres em solucionar conflitos ligados à identidade interfere diretamente na construção da personalidade, nas relações afetivas e sexuais entre ambos e, conseqüentemente, nas relações profissionais e sociais. Assim, para a psicanálise, os conflitos que motivaram e motivam os comportamentos feminino e masculino podem ser explicados a partir da sexualidade e não das funções biológicas e das predisposições cerebrais, de acordo com a ciência. Em contrapartida, a Sociologia procura mostrar a relação de dominação do homem sobre a mulher como coincidente com o início do modelo de organização da sociedade patriarcal, a qual acompanha o progresso do ser humano em sua luta para dominar a natureza durante as descobertas e invenções.

No século XVIII (cf. Cameron, 1994), mulheres de todas as classes eram aconselhadas pela estrutura social vigente a confinar seu discurso à esfera doméstica, a cultivar a arte de ouvir e reforçar o discurso de interlocutores homens (pai, marido, irmão etc.), a evitar qualquer demonstração de inteligência, indelicadeza ou agressividade para com esses mesmos interlocutores. Como resultado, a dominação masculina perpetuar-se-ia, sem que houvesse resistência capaz de gerar revoluções. Entretanto, é ignorado se as mulheres seguiram esses conselhos à risca. As mudanças, para as mulheres, começaram mais significativamente quando a escola pública (instaurada em 1836), em 1882, resolveu aceitar também meninas (Junod, 1995). Desde então surgiriam novas possibilidades no contexto social. Na proximidade com a nova era, é possível perceber maior preocupação a respeito de mudanças sociais tendendo a enfraquecer os estereótipos “da mulher restrita a assuntos do âmbito doméstico”. Estudos recentes da dicotomia feminino-masculino no campo da linguagem e gênero vêm possibilitando a reorganização de pensamentos e gestos de interpretação (Orlandi, 1998) em relação a homens e mulheres.

Abordagens discursivas de gênero e linguagem

Na história da humanidade, se observarmos com atenção, o sujeito universal é representado pelo “sujeito masculino”. O lugar das mulheres dependia consideravelmente das imagens ou representações constituídas pelos homens, os únicos historiadores durante muito tempo. Enquanto não se questionou mais significativamente acerca desse outro sujeito, a mulher continuou sofrendo as representações dominantes da diferença entre os sexos, as quais contribuíram para sua subjugação na relação com o homem pela dimensão imaginária do poder², garantindo sua existência em função do homem na divisão de tarefas e de espaços, na inferioridade jurídica, na inculcação dos papéis sociais pelas instituições de ensino, na exclusão da esfera pública. Nos dias de hoje, a mulher ainda sofre com essas representações sociais, porém a noção de sujeito universal passou a ser mais intensamente questionada para que a história possa ser contada também sob um ponto de vista feminino, como resposta a essas representações.

Uma explicação para a perpetuação das representações discriminatórias e sexistas do universo feminino talvez esteja na “política do silêncio” (Orlandi, 1989:41 - apud. Colling), cujo conceito está no fato de que “ao dizermos certas coisas, apagamos outros sentidos possíveis e que em determinado momento não nos interessam, pois poderiam instalar o trabalho

2 “Foucault questiona a noção de poder como repressão (como no marxismo), dizendo que haveria uma ou mais representações do poder, em que a dominação seria muito mais sofisticada e complexa incidindo sobre o corpo do indivíduo (biopoder), no sentido de que esse corpo (gestos, postura, comportamento, percepção) também é investido pelo poder, e não apenas a alma, a consciência, o intelecto. Nessa concepção, o poder não atinge somente os dominados, mas atinge e produz também indivíduos que não respeitam as classes, atuando sobre todos, determinando a sua conduta, submetendo-os para uma certa finalidade ou dominação que consiste em uma objetivação do sujeito” (apud. Colling, 1997:129-130).

significativo de uma outra formação discursiva". Sob o ponto de vista da história em que o homem é o "sujeito universal", essa "voz feminina" deveria ser contida, restrita a um espaço privado e mantida à distância dos interesses masculinos, através de um discurso de não-reconhecimento dessa voz enquanto uma "voz inteligente", "capaz", "intelectual", "racional" (idem). Se a diferença de gênero é construída, portanto, pelos discursos que a fundamentam e a legitimam, é necessário, a meu ver, que a Lingüística Aplicada contribua para uma reavaliação de valores e papéis sociais nas relações entre homens e mulheres, como questão fundamental no ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira. Se estereótipos universais forem repensados, criticados em atividades de LDLE, as definições e os valores tidos como inerentes à natureza feminina poderão sofrer, ao menos, um deslocamento positivo às representações socioculturais da mulher.

No campo dos estudos de linguagem, têm sido realizados numerosos trabalhos em torno da questão de gênero. De Francisco (1992) traça um perfil do discurso de patologistas e professores que necessitam entender sobre gênero e comunicação; Kramarae (1990) e Taylor (1993) discutem a natureza da interação de homens e mulheres com os computadores e outras tecnologias; Erlich & King (1992; 1994) e Zuber & Reed (1992; 1993), em seus trabalhos, abrangem temas envolvendo os antagonismos homem-mulher, levando a discussões acerca dos movimentos de reforma de linguagem (apud. Freed, 1995: 10-11). Podemos mencionar, ainda, Tannen (1990) cujo estudo focaliza a produção de mal-entendidos na comunicação entre homens e mulheres; Sunderland (1992), que, no ensino de inglês (EFL) observa atividades de livros didáticos (LD) para um levantamento a respeito de quem fala mais em um diálogo misto, i.e., o homem ou a mulher, quem fala primeiro, que tipo de linguagem é usado para um e para o outro, quais características psicológicas são apontadas para um e outro, etc. Em outro trabalho (1994), a autora problematiza a diferença nas participações sociais entre meninos e meninas em sala de aula, como implicação para o ensino/aprendizagem de EFL;

Cameron (1994) faz referência a programas de treinamento de habilidades em comunicação com a finalidade de ajudar, sobretudo mulheres, a lidar com habilidades (ou práticas)³ relacionadas à auto-afirmação, liderança ao gerenciamento, à eficiência e produtividade, partindo da consideração de que as mulheres teriam necessidades distintas e mais prementes para este tipo de treinamento, enfocando por exemplo, que, no âmbito profissional, o uso da comunicação indireta por mulheres produz sentidos de insegurança quanto ao que realmente querem dizer, podendo, assim, gerar mal-entendidos pela ausência de clareza da mensagem, e, desse modo, incidir negativamente para o desenvolvimento de sua carreira profissional.

Em contexto brasileiro, levando em conta, neste estudo, minha preocupação com a abordagem transdisciplinar, menciono, de início, o enfoque antropológico nos Cadernos Pagu: fazendo história das mulheres, uma publicação do Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP, que reúne artigos abordando questões sobre interpretações de gênero assumidas no Brasil, como por exemplo a redefinição de espaços e atividades femininas em contexto público e privado. Ainda nessa linha, posso citar Bassanezi (1996) cujo trabalho apresenta idéias da sociedade brasileira sobre gênero feminino e masculino, em revistas ditas “femininas”, como Cláudia e Capricho, procurando evidenciar a ideologia subjacente nas produções discursivas que constroem representações sociais convencionais e discriminadoras do universo feminino, como na figura da “solteirona”, da “sogra”, da “secretária”, entre outras.

Na área de LA, podemos mencionar o trabalho de Heberle (1997) que se propõe como uma contribuição à prática de ensino promovendo a necessidade de uma consciência sobre o uso da linguagem como parte e consequência do processo social através da investigação de aspectos textuais e contextuais nos

3 O grifo é meu.

editoriais de revistas femininas publicadas na Grã-Bretanha, tais como *Cosmopolitan*, *Company*, *New Woman*, entre outras. Seu trabalho fundamenta-se na análise crítica do discurso. Ela constatou algumas tendências nos textos analisados possibilitando a representação do universo feminino na esfera privada (questões pessoais e domésticas) e que seus(as) editores(as) procuram estabelecer um grau de intimidade com as leitoras como mera estratégia para obterem seu consentimento e sua confiança. Heberle sugere a todos nós, estudiosos de LA e LE, que, a partir da consciência do duplo papel da linguagem (como parte e consequência do processo social), nos coloquemos na posição de leitores mais críticos, a fim de aplicar tais conceitos como forma de contribuição a mudanças sociais. Ainda, no campo da LA, é importante referir o trabalho de Feronha (1995) cujo foco está no uso de cartoons em LD, incidindo na construção de representação social da mulher. Através de pesquisa quantitativa e qualitativa ela apresenta a função do pictórico e do lingüístico na construção dessas representações.

Segundo Feronha, os cartoons refletem visões de mundo e reforçam correntes ideológicas, cuja tendência é consolidar direitos e poderes de classes dominantes sobre as dominadas. Sua análise revelou a predominância de representações de valores sobre a mulher, respectivamente aos fatores “idade” e “beleza”, partilhados por um senso comum em que a função do elemento pictórico não é a de meramente divertir os aprendizes. A relevância em citar esses trabalhos está no fato de reforçarem e contribuírem para o entendimento do termo gênero como uma construção social, bem como por considerarem fatores sócio-histórico-culturais implicadores não somente no uso, mas na aprendizagem de LE. É necessário, portanto, explicitarmos que este estudo apresenta-se como uma proposta de reflexão acerca da importância da questão do gênero para o processo de produção do discurso pedagógico, tendo em mente não apenas a elaboração do LD, mas, sobretudo, a formação do professor.

Elaboração, avaliação e utilização do material didático

Na Lingüística Aplicada clássica, há uma tendência em se focar materiais didáticos no centro (ou em primeiro plano) da pedagogia de línguas (Serrani, 1988). As atividades centradas no livro didático propiciam extrema dependência, confiança e fidelidade ao Livro Didático na relação professor-aprendiz. O LD, por sua vez, controla o conteúdo, a determinação de componentes, métodos e procedimentos de aprendizagem (Kleiman, 1992a), sistematizando, assim, a aprendizagem.

A meu ver, é a dinâmica da interação professor-livro-aprendiz que deve merecer maior relevância desde a fase de elaboração do LD. Para tanto, parece-me crucial a interação de teóricos, pesquisadores e intelectuais com a rica experiência de professores de LE, em sala de aula, como uma complementação indispensável na elaboração, na avaliação e no aprimoramento do LD (e de outros materiais didáticos).

Ao professor cabe escolher o material a ser utilizado, e este pode variar muito em relação às suas expectativas. Assim, são muitos os critérios de avaliação a serem levados em conta para a utilização de um LD. Um desses critérios é defendido neste trabalho, ou seja, o estudo das representações discursivo-sociais no LD, pelo qual o professor tem o papel de desmitificar o livro didático como provedor de verdades absolutas e incontestáveis. Por um lado, o professor, como profissional conhecedor e promotor dos processos de ensino, deve fazer uma verificação minuciosa pelo interior do LD, com a finalidade de melhor compreender a visão de seu elaborador e a perspectiva adotada como metodologia de ensino. Por outro lado, o LD, como suporte à tarefa do professor, deve explicitar e enfatizar as regras de comportamento perante determinadas situações nas quais o aprendiz possa vir a se encontrar; deve também fazer apreciações reflexivas respectivamente a questões de raças ou etnias, ou ainda a questões de gênero.

Para uma postura menos dependente em relação ao LD, o professor deve entender que as “informações” contidas no LD são apenas a base para uma proposta de estímulo ao processo mental necessário à construção de conhecimento. É a partir dessas informações que terá lugar a discursividade em sala de aula, com a indispensável participação do aprendiz, atuando mais significativamente nas atividades lingüístico-pedagógicas propostas. O professor deve ter em mente que a simples ocultação, generalização ou discriminação subjacente ao discurso didático (DD) resulta, automaticamente, em estratégia de poder e manipulação. Se o professor não está atento às representações no DD, e, ainda, se o LD não oferece meios para a reflexão e discussão, as representações cristalizam-se e perpetuam-se.

Na sala de aula, o aprendiz participa do contexto sócio-cultural historicizado pelas concepções de discurso, sujeito e ideologia. Se o LD não considera essa historização, professores e aprendizes, participantes de situações discursivas, são entendidos como indivíduos autônomos, plenamente controladores e conscientes de seus dizeres (e de sua compreensão). Desse modo, é importante levarmos em conta a influência inevitável que a filosofia educacional contida no LD exerce na aula e no processo de aprendizagem, permitindo ao aprendiz apre(e)nder o que o LD lhe permite. Entretanto, deve-se tomar o cuidado de não se julgar o LD antes que seja levado em conta um estudo mais profundo sobre este, para não incorrer em precipitação.

Categorias teórico-metodológicas deste estudo

Na teoria elaborada por Pêcheux (Gadet & Hak, 1993), ele situa o discurso entre a língua e a ideologia tomando-o como efeitos de sentido entre locutores. De acordo com essa concepção, o discurso é definido como o lugar em que se manifestam contradições e confrontos de interesses sociais, em

que o indivíduo é apresentado como assujeitado sempre pelas ideologias. Todo sujeito, portanto, ocupa uma posição determinada dentro da formação social em que vive, a qual, marcada no discurso, estabelece o que pode e o que não pode ser dito, segundo o conceito de formações discursivas (as quais apresentaremos posteriormente). No discurso (e através dele), encontram-se especificidades culturais em que estão expressos (e impressos) os imaginários sociais, cujos significados de valores simbólicos são construídos através da história de um povo, pela qual podemos aprender sobre este (Charaudeau, 1994).

No conceito de discurso de Pêcheux (Gadet & Hak, *op. cit.*), “os lugares dos sujeitos estão determinados na estrutura de uma formação social”. Tais lugares estão representados, nos processos discursivos em que são colocados em jogo, através das formações imaginárias – sempre resultantes de processos discursivos anteriores –, estas, designando o lugar que os sujeitos atribuem a si mesmos e ao outro, bem como a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Na teoria do imaginário, o sujeito não é dono absoluto de seus dizeres pelos efeitos de sentido que produz, contudo é parte dos processos de produção desses efeitos de sentido uma vez que estes se realizam no sujeito.

Apresentamos, a seguir, as expressões para as formações imaginárias formuladas por Pêcheux (*op. cit.*), adaptadas ao caso do LD. Mais adiante, na análise dos livros, especificaremos em qual delas operamos em nossa análise.

No discurso, manifestam-se as contradições e os confrontos de interesses sociais em que o indivíduo é sempre assujeitado pelas ideologias. Dessa forma, a ideologia designa, a um tempo, através do hábito e do uso, o que é e o que deve ser, além de fornecer as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc. (*idem*). São essas evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente

dizem, mascarando, sob a ideologia da linguagem, aquilo que podemos chamar de caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (ou o todo complexo das formações ideológicas – destaques meus). Assim, as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam, tendo como referencial às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Pêcheux, a partir de tais considerações, trabalhou o conceito de formação discursiva (FD), concebida primeiramente por Foucault (1997), e que representa na AD um lugar central na articulação entre língua e discurso. São as formações discursivas (FDs) que, em uma dada formação ideológica (decorrente de luta de classes), determinam o que pode e deve ser dito. É o lugar da constituição do sentido em que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes, ou sujeitos de seu discurso. Tal sentido muda na passagem de uma FD para outra (idem Gadet & Hak:160).

Significação	Expressão
<p>Formulação Simples:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ A imagem do enunciador do livro didático em relação a si mesmo. ➤ A imagem do enunciador do livro didático em relação ao aprendiz. ➤ A imagem do enunciador do livro didático em relação ao objeto do discurso: o universo feminino. <p>Formulação Composta:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ A imagem que o enunciador do livro didático tem da imagem que o aprendiz tem desse enunciador. ➤ A imagem que o enunciador do livro didático tem da imagem que o aprendiz tem do objeto do discurso: do universo feminino. ➤ A imagem que o enunciador do livro didático tem da imagem que o aprendiz tem de si mesmo. 	<p>I_{el,D} (ELD)</p> <p>I_{el,D} (A)</p> <p>I_{el,D} (UF)</p> <p>I_{el,D} [A(eLD)]</p> <p>I_{el,D} [A(UF)]</p> <p>I_{el,D} [A(A)]</p>

Orientamo-nos pela perspectiva de que no uso de linguagem os processos permanecem abertos e que os sujeitos estão sempre em movimento (Orlandi, 1998). Nessa perspectiva,

“(...) o uso de linguagem se faz pela relação (tensa) de dois grandes processos: o parafrástico, em que há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e o polissêmico, concebido como fonte do sentido, em que uma força na linguagem – a polissemia – desloca o mesmo, o garantido, o sedimentado” (Orlandi, op. cit.: 27-28).

Nessa articulação, o social aparece em relação à linguagem na sua força contraditória: dado que o social é constitutivo da linguagem, esta se sedimenta (ilusão do sujeito), e porque é fato social, ela muda (polissemia). Esses dois processos, portanto, atuam o tempo todo na produção de linguagem (sempre há uma articulação entre intenções e convenções sociais determinando o “dizer”). Quando dizemos algo, indubitavelmente, não dizemos outras coisas e, dessa forma, a questão histórica, intrínseca ao discurso, faz com que haja diferenças no dizer de diferentes sujeitos, ainda que a língua entre eles seja a mesma. Um único texto, em que apareçam formações discursivas diferentes, pode levar a distintas variações de sentido. É uma determinada FD que permite dar conta do fato de que locutores, situados em uma determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido atribuído às palavras. A definição de FD é também complementada como sendo “condensações de regularidades enunciativas no processo da produção de sentidos” (Serrani-Infante, 1997) – processo este construtivamente heterogêneo e contraditório, que se mostra no discurso produzido em diferentes domínios do saber. Trabalhamos, também, com a noção de ressonâncias discursivas que permitirá examinar a configuração de formas discursivas nos livros didáticos. Procura-se, dessa forma, observar como o funcionamento discursivo⁴ de uma determinada operação lingüística permite

integrar (contraditoriamente) a um conjunto de seqüências discursivas os elementos de seu exterior heterogêneo, considerando suas condições de produção (os domínios de memória determinam as formulações que entram em redes de ressonância). Inicialmente, analisamos formulações que configuram ressonâncias discursivas em torno de itens lexicais (estudo das unidades lexicais em funcionamento na construção de representações discursivas) e, em seguida, as formulações que configuram ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer (efeitos de sentidos produzidos – no nível intradiscursivo – pela repetição de construções sintático-enunciativas na estruturação de um discurso determinado).

Como fundamento à compreensão da conceitualização de formações discursivas e formações imaginárias mobilizadas neste trabalho, convém remeter-nos às noções de intradiscorso e interdiscorso, bem como aos conceitos de subjetividade na análise discursiva. A interpretação de Authier (1995:66-97) para intradiscorso e interdiscorso é aquela sobre a auto-representação do dizer e as concepções opostas do sujeito e do sentido, nas perspectivas (A) e (B) de concepção do sujeito. A concepção (A) é aquela do sujeito origem: aquele da psicologia e de suas variantes neuroniais ou sociais, fonte intencional do sentido que ele exprime através de uma língua entendida meramente como instrumento de comunicação – as formas de representação que os enunciadorees dão de seu próprio enunciado são consideradas como um reflexo direto do real do processo enunciativo. O sujeito aparece, neste caso, como “dono de seu dizer”. Por outro lado, a concepção (B), a do sujeito

4 Orlandi (1983: 115) define o funcionamento discursivo como a “atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”.

efeito, é adotada nos estudos que entendem o sujeito como efeito do inconsciente ou das filiações históricas do sentido, que retiram dele o domínio completo de seu dizer, pois sua produção se concebe materializada pelo sujeito estruturalmente descentrado, clivado pelo inconsciente e pelas filiações contraditórias que o constituem, escapando, dessa forma, à intencionalidade. O dizer, então, aqui é irrepresentável para seu enunciador na dupla determinação pelo inconsciente, que é da ordem do interdiscurso.

Consideram-se, nos procedimentos de análise, as condições de produção para mostrar que o relevante para o processo de significação é determinado pelo “saber discursivo”, ou aquilo que já faz sentido para nós (Orlandi, 1998), pois nelas é que a relação entre a situação e os locutores e a relação destes com a exterioridade (historicidade) são colocadas em jogo. Desse modo, as imagens que constituem as diferentes posições na relação discursiva implicam, essencial e inegavelmente, em diferentes gestos de interpretação. As palavras mudam de sentido, então, segundo as “posições” daqueles que as empregam. Por isso é importante que na análise seja examinada a existência de possibilidade de movimentos no confronto de diferentes posições enunciativas no processo discursivo, ou a “reversibilidade discursiva” – por exemplo, o deslocamento na voz dominante –, instalando possibilidades para outros dizeres no discurso desses materiais (idem). Outra categoria da AD que estaremos utilizando é a da contradição, que, segundo Foucault (1997), podem ser derivadas (localizam-se no plano das proposições ou das asserções, sem afetar o regime enunciativo que as fez possíveis), extrínsecas (opõem teses que não dependem das mesmas condições de enunciação, remetendo à oposição entre FD) e intrínsecas (quando se tem duas maneiras de formar enunciados, desenvolvendo-se ambas em uma mesma formação discursiva) e que, fundamentadas nas condições de exercício da função enunciativa, marcam as FD. Os conceitos da AD mencionados, são, a nosso ver, imprescindíveis no estudo das representações discursivas.

Análise de representações discursivas nos livros didáticos de francês “Le Nouveau Sans Frontières”, “Le Nouvel Espaces” e “Tempo”

Considerações Preliminares

Foram selecionados os livros “Le Nouveau Sans Frontières”, “Le Nouvel Espaces” e “Tempo”, volumes relativos aos níveis 1 e 2, para a realização desta análise a qual é fundamentalmente qualitativa. Apresentaremos, também, um levantamento quantitativo com a finalidade de se organizar o corpus e possibilitar a percepção global da distribuição das representações observadas.

Pelas escolhas do enunciador do discurso didático é construído um “retrato” das visões desse enunciador para com a vida real. Através dessa “retratação” de mundo, valores e ideologias são transmitidos ou refletidos. A transmissão de mensagens ideológicas se realiza nas situações verbais (instância do texto escrito) e não-verbais (instância do gráfico, como imagens por desenhos, fotos), permitindo a formação, a reprodução e a perpetuação de conceitos (Feronha, 1995). Deve-se considerar, por exemplo, que as imagens pela instância do gráfico contribuem, sobretudo, na construção de sentidos. Considerando, portanto, que, no discurso didático, as duas instâncias incidem na construção de representações discursivo-sociais, nesta análise, apresentamos atividades lingüístico-pedagógicas (compreensão e produção oral/escrita) em forma de diálogos, histórias em quadrinhos, charges etc., levando em conta que, em sala de aula, há uma grande dependência relativa às atividades do LD (Cf. Kleiman, op. cit.). Assim, procuramos identificar a existência de espaços para a enunciação do sujeito-aprendiz, ultrapassando os limites das perspectivas metodológicas desses livros.

Análise de Ressonâncias Discursivas em Torno de Itens Lexicais

Apresentamos, a seguir, uma observação do ponto de vista quantitativo sobre as representações socioculturais para homens e mulheres, nos livros estudados.

	LE NOUVEAU SANS FRONTIÈRES (vol. 1 e 2)		LE NOUVEL ESPACES (vol. 1 e 2)		TEMPO (vol. 1 e 2)	
	H	M	H	M	H	M
Posições na alta hierarquia	16	07	11	02	14	05
em trabalhos subalternos/ secundários	08	14	07	14	-	12
Cargos público-administrativos no campo político	05	01	03	-	11	-
Especialização científico-tecnológica	08	03	10	02	21	09
Na Área educacional	03	-	03	-	02	14
Profissionais da moda	02	04	02	-	06	04
E da comunicação	-	-	-	02	-	01
Atividades nas artes cênicas	07	04	05	05	11	10
Artes plásticas	15	-	01	01	10	-
Na literatura	06	01	11	-	15	01
Na música	06	03	02	04	12	04
TOTAL	76	37	55	30	102	60

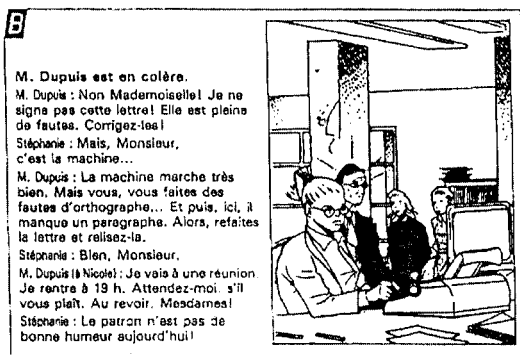
No quadro (1), respectivamente, são 69% as representações do universo masculino e 31% as representações do universo feminino.

Inicialmente, apresentamos exemplos de formulações de homens e mulheres em posições hierárquicas no trabalho administrativo-empresarial.

A) Posições hierárquicas no trabalho administrativo-empresarial

De acordo com o quadro (1), as posições respectivas à alta hierarquia para homens⁵ e mulheres correspondem proporcionalmente a 75% e 25%, respectivamente, e as posições secundárias correspondem a 37% para homens e 73% para mulheres.

Vejamos, a seguir, exemplos⁶ de formulações referentes às posições hierárquicas no trabalho administrativo-empresarial para homens e mulheres, observadas nesses livros⁷.



“ – Le patron n'est pas de bonne humeur aujourd'hui” (LNSF1, pp. 105).

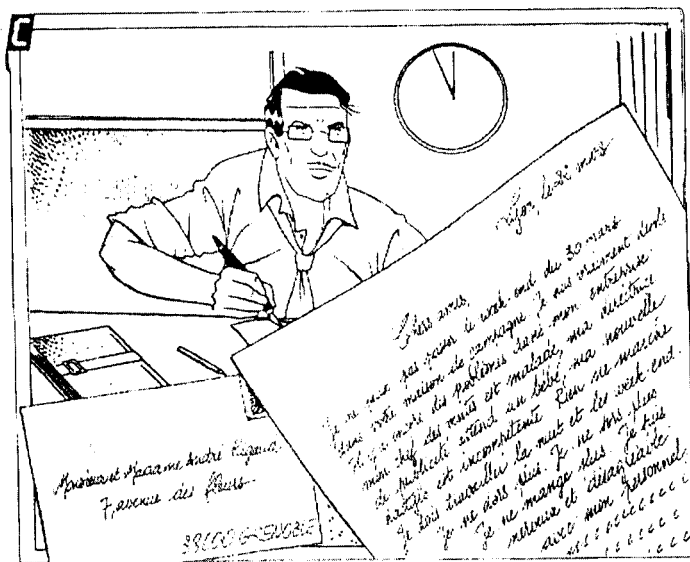
5 Usamos, primariamente, a palavra *homem* (e não *mulher*) por uma questão de ordem alfabética.

6 Neste artigo, os exemplos os quais apresento foram selecionados entre outros de mesma especificidade em minha tese de mestrado.

7 Nos exemplos selecionados, focalizamos somente as partes das atividades correspondentes ao objeto de estudo.

ou auxiliares ao trabalho do homem. A polissemia tende a estar contida por um discurso que sustenta um lugar hierárquico superior para homens. Parece tratar-se de um funcionamento discursivo evidenciando um campo de atuação feminina restrito a camadas hierárquicas mais baixas. Também pode-se interpretar que a participação da mulher, nessas funções, não seja efetivamente importante. Por que, então, não se optar por uma figura masculina nessas funções, no sentido de se contestar os sentidos de interdição profissional a posições na alta hierarquia com finalidade de problematizar-se o contexto?

Observemos, também, no exemplo (03), a seguir, uma formulação relativa à posição da mulher na alta hierarquia. Os efeitos de sentido produzidos, entretanto, são outros, em relação àqueles produzidos para as posições de homens.



“ – (...) Il y a encore des problèmes dans mon entreprise: (...)
Ma directrice de publicité attend un bébé (...)” (LNSF 1, pp. 105).

Os itens lexicais assinalados nas formulações acima, ressoam, de fato, a atribuição da posição de “diretora” a mulheres. No entanto, existe a problemática da “mulher-gestante” no contexto profissional, e o efeito de sentido produzido é o de esse fato ser um problema. Estariam, portanto, incluídos efeitos de sentido a respeito dos riscos de se atribuir cargos de chefia a mulheres, pelo fato de haver a possibilidade de engravidarem? A mulher está colocada à margem de processos decisórios, contrariamente ao funcionamento discursivo evidenciado, anteriormente, para o homem.

b) Cargos Público-Administrativos no Campo Político

Novamente, tomando o quadro (1) como referência, as representações correspondem à atribuição de 95% de cargos político-administrativo para homens e 5% para mulheres.



“ – Monsieur le Maire, c'est un scandale !
Faites arrêter rapidement ces fouilles ridicules” (LNSF 1, pp. 177B).

No exemplo (04), acima, a ressonância tende a construir a “invisibilidade da mulher” pela representação da “ausência feminina” em tal posição. Vejamos, no entanto, a relevância do exemplo (05).

3. *Grace de Monaco*. C'était la femme du prince Rainier et une actrice que tout le monde admirait. Sur la photo, elle a les cheveux tirés en arrière. Elle est souriante.

“Grace de Monaco. C'était la femme du prince Rainier et une actrice que tout le monde admirait (...)” (LNE 2, pp. 9).

No exemplo (05), a formulação para a mulher “la femme du prince Rainier” evidencia-lhe a posição de autoridade monárquica, na posição de “princesa”. No entanto, essa posição de princesa é dependente ou consequência do fato de ser a esposa do príncipe.

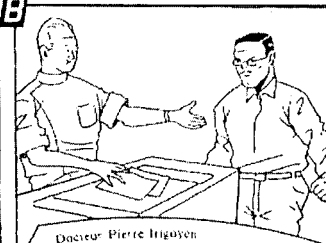
A imagem para essa “mulher-princesa” parece estar construída em torno do “homem-príncipe”, a quem, realmente, é atribuído o sentido de autoridade política; ao seu lado está, no entanto, a mulher-princesa, que não nasceu princesa mas que se tornou princesa, como indica o itens lexicais “actrice” e “admirait”, evidenciando sua condição social anterior

C) Profissões de Especialização Científico-Tecnológica e na Área Educacional

No quadro (1), podemos verificar uma predominância masculina para o exercício de profissões no campo científico-tecnológico, correspondendo, respectivamente, a 74% da distribuição total contra 26% na distribuição para mulheres. Na área educacional, no entanto, a distribuição corresponde a 64% para mulheres contra 36% para homens.

Vejamos, primeiramente, os exemplos de formulações observadas para homens e mulheres no campo científico-tecnológico:

B



Docteur Pierre Ingouen

M. Dupuis

Toujours deux cafettières à soupe
matin et midi.
Sommeil à compresse avant
le coucher.

Pendant ce temps, chez un médecin,
dans un village des Pyrénées...

Le médecin : Vous avez encore mal à la tête ?

M. Dupuis : Non docteur, c'est fini.

Le médecin : Vous n'êtes plus fatigué ?

M. Dupuis : Non, ça va, mais je ne dors pas très bien.

Le médecin : Bon, je vous donne un médicament pour dormir et je vous demande de faire une heure de sport tous les jours. Vous allez très bien maintenant. Retournez vite à Lyon. Vos amis sont inquiets. Vous leur avez écrit ?

M. Dupuis : Non, je veux leur faire une surprise.

“(…) – Non docteur, c'est fini (…)” (LNSF 1, pp. 136).

TRANSCRIPTION:

Page 225 – Dialogue

- Pourquoi avez-vous choisi le métier d'infirmière ?
- Après mon bac, je voulais faire des études courtes et être sûre d'avoir un emploi. [...]
- Pour vous c'est une vocation ?
- Non, c'est un métier comme un autre. C'est vrai il faut beaucoup de technicité pour faire ça. Et souvent, les médecins vous donnent plus de responsabilités que vous n'en avez normalement. Mais en 10 ans je ne me suis jamais ennuyée, même si quelquefois, c'est très dur nerveusement.

- ❑ 1. Écoutez le dialogue et analysez-le rédigé un texte expliquant la pertinence professionnelle de l'acte.
- (Vous pouvez consulter les notes correspondantes à l'insertion pour vous guider dans votre rédaction.)

- ❑ 2. Comparez votre acte à celui, réel, dont nous nous sommes inspirés pour concevoir l'insertion. Ce texte figure dans le guide pédagogique de Temps 2.

COMPRÉHENSION



Des études, carrière sécurisée de l'emploi.
Facile (pas scientifique = comme infirmier)
Stages, crèches, écoles, entreprises, hôpital.
Pas facile au début (pas "brûlée")
3 ans, petits boulots (campus de médecine, entretiens)
Pas fonction publique
Spécialisation / expérience anesthésie
Pas vocation. Métier comme un autre
Souvent dur mais pas ennuyeux.

“ – Pourquoi avez-vous choisi le métier d'infirmière (…)?

“(…) – Pour vous c'est une vocation ?

Non, c'est un métier comme un autre. C'est vrai il faut beaucoup de technicité pour faire ça” (T 2, pp. 225).

Na formulação do exemplo (06), há uma tendência em se atribuir ao homem profissões de maior especialidade e maior prestígio, na área da medicina, conforme o léxico “docteur”. Obviamente, é significativo que a mulher seja representada atuando em áreas científico-tecnológicas, ainda que de forma mínima em relação às representações para homens. Sua participação não está, assim, totalmente apagada. Não há, no entanto, um maior compromisso discursivo, nesses livros, justificando a escolha pela inequação da distribuição das representações para homens e mulheres.

Na área da medicina, parece haver uma ressonância para representar, em relação à mulher, um lugar auxiliar e subalterno na hierarquia profissional, na escala institucional, apresentado no léxico “infirmière”, no exemplo (07). O funcionamento discursivo, ao mesmo tempo em que tende a enquadrar a profissão como “feminina”, tende também a desvincular o homem para a profissão, talvez pelo instinto maternal que está socialmente vinculado à mulher. No entanto, nesse exemplo, as justificativas dadas pela “enfermeira” pela escolha da profissão, não estão vinculadas a essa tendência que as ressonâncias de itens lexicais parecem indicar, no sentido de evidenciar a profissão como “talento” feminino.

Vejamos, então, formulações no campo educacional.



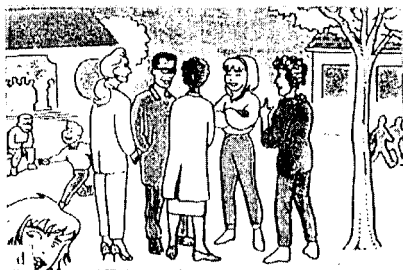
“Je m’appelle Marielle. Je suis française, je suis mariée, j’ai un enfant, j’habite à Lille. J’ai 26 ans. Je suis professeur de français” (T1, pp. 27).

TRANSCRIPTION:

Compréhension

Dialogues

E. - Elle est comment ta nouvelle prof de maths?
 Elle est jeune, jolie et elle a les cheveux blonds. Elle porte souvent un pantalon et elle est très sympa.



“ – Elle est comment ta nouvelle prof de maths ?
 – Elle est jeune, jolie et elle a les cheveux blonds. Elle porte souvent un pantalon et elle est très sympa” (T 1, pp. 130).

A estatística, apresentada no quadro 3, expõe uma predominância feminina na área educacional, contudo, as representações para a mulher estão desvinculadas de sentidos relativos a desempenho e prestígio. Esses significados de “apagamento” foram substituídos por significados relativos à aparência física, como mostram os itens lexicais “jeune”, “jolie”, “(très)sympa”, “(cheveux) blonds”, no exemplo (09). Outros efeitos de sentido produzidos tendem ainda a indicar o casamento e a maternidade como condições complementares ao exercício da profissão, evidenciando um funcionamento discursivo a respeito de valores morais, como podemos observar no exemplo (08), através do item lexical “mariée”, e na formulação “j’ai un enfant”. A atuação da professora pode ser entendida, ligada a valores mais tradicionais, como uma continuidade do trabalho da mãe, estendido até a escola.

Análise de ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer

Apresentamos, primeiramente, o quadro (2), para uma visão global das ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer construindo representações socioculturais de homens e mulheres.

Ocorrências de representações por ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer

Livros	Le Nouveau Sans Frontières (1 e 2)		Le Nouvel Espaces (1 e 2)		Tempo (1 e 2)	
	II	M	II	M	II	M
a) Modos de dizer bloqueadores da reversibilidade discursiva	03	01	01	02	-	-
b) Modos de dizer não-bloqueadores da reversibilidade discursiva	-	02	-	01	-	04
c) Modos de dizer desqualificadores do interlocutor	03	-	02	-	01	-

A) Diretivos Bloqueadores da Reversibilidade Discursiva

A.1) Em formulações para posições enunciativas de homens

As ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer diretivos são aquelas em que a repetição de enunciados tende à produção de efeitos de sentidos de ordem, recomendação. A escolha feita ao se empregar verbos indicando probabilidade, obrigação e necessidade realiza, a nosso ver, um funcionamento discursivo que evidencia uma posição (ou tomada da palavra) de distanciamento entre locutores e interlocutores. A ausência da reversibilidade discursiva marca a hierarquização nessa relação. Esta demonstração de domínio no discurso, é denominada como discurso autoritário (Orlandi, 1998) dos locutores pelo fato de conter a polissemia.

As formulações de modos de dizer diretivos, em formulações para posições enunciativas de homens, através do uso de expressões performativas⁸ explícitas (expressões imperativas e/ou interrogativas), aparecem como bloqueadores da reversibilidade do discurso.

O discurso do locutor tende a ser entendido como autoritário, por não permitir a reversibilidade (Orlandi, 1998:17),

i.e., não permitir a possibilidade de que haja movimentos nas posições de interlocução durante a enunciação. A enunciação está representada no campo da necessidade, da certeza. Há a tendência, no discurso, em não permitir que a reversibilidade se realize, pela hierarquização estabelecida no funcionamento discursivo.

A.2) Em formulações para posições enunciativas de mulheres

No exemplo (10), a seguir, a locutora procura manifestar um “saber” em sua enunciação diretiva, tendendo a produzir efeitos de sentidos para a adesão dos interlocutores ao seu discurso.



“ – Je ne suis pas d'accord, Patrice. Ce type d'information a peut-être sa place dans un journal à sensation. Mais pas chez nous, à la télé!” (LNSF 2, pp. 17).

8 Na análise gramatical e semântica, o termo *performativo* (cf. Austin, 1990) corresponde à sentença em que a ação do locutor é desempenhada ao se enunciar a mesma. As expressões performativas marcam a forma ilocucionária de um enunciado de maneira explícita quando descrevem uma certa ação de seu locutor e quando sua enunciação consegue realizar essa ação. A apreensão do sentido dos performativos se realiza somente pela relação de dependência com uma certa ação que estes permitem realizar.


O uso da negação categórica, no primeiro exemplo, e o uso do imperativo negativo, no segundo exemplo, aparentemente, não evidenciam uma reversibilidade do discurso para o interlocutor. No entanto, a reversibilidade se realiza no decorrer da atividade de compreensão oral/escrita, de forma indireta e por razões extrínsecas à vontade da locutora (“Claire Martin est malade”). A posição enunciativa do interlocutor é protagonizada na escolha do autor do discurso pela exclusão da locutora do diálogo (ver também o mesmo exemplo na análise de ressonâncias discursivas em torno de itens lexicais). Assim, há tendência de um funcionamento discursivo apagando as formulações diretivas da locutora.

B) Diretivos não-bloqueadores da reversibilidade do discurso

B.1) Em formulações para posições enunciativas de mulheres

A seguir, a ressonância da formulação diretiva para a posição enunciativa de mulher produz efeitos de sentido de opinião.

Au bureau du commissariat.
Agnès Darot, jeune inspecteur de police, s'occupe de l'enquête.
Le commissaire : Vous avez une idée sur cette disparition ?
Agnès D : Je pense que c'est un meurtre ou un enlèvement.
Le commissaire : A votre avis, où faut-il chercher le coupable ?
Agnès D : Je crois qu'il faut chercher dans la famille de M. Dupuis.
M. Dupuis est très riche.
Le commissaire : Quelqu'un veut l'héritage...
Agnès D : Sans doute.
Le commissaire : Qu'est-ce que vous allez faire ?
Agnès D : Je vais interroger les membres de la famille.
Le commissaire : Alors, vous allez beaucoup voyager...



“ – Je crois qu’il faut chercher dans la famille de M. Dupuis” (LSNF I, pp.113).

Ao se empregar modalização do tipo “il faut”, a enunciação da locutora produz efeitos de sentido que tendem a tornar seus argumentos mais convincentes. A formulação diretiva da locutora se mostra como resposta a uma das perguntas do interlocutor (“À votre avis, où faut-il chercher le coupable?”: “Na sua opinião, onde é preciso procurar o culpado?”). Considerando as condições de produção, o funcionamento discursivo tende a indicar que a enunciação é diretiva à própria locutora, pois é referida a esta, no contexto, a sua condição subordinada, profissionalmente, em relação ao interlocutor. A expressão “Je crois”, parece funcionar discursivamente como introdução a um determinado assunto.

Vejam, nos exemplos que se seguem, outras formulações para posições enunciativas de mulheres, consideradas diretivas pelo uso de “vous”, produzindo efeitos de sentido diferentes das formulações para homens que fazem uso do pronome “je”.



“ – Pouvez-vous signer ces documents Monsieur le directeur?” (T1, pp. 43).

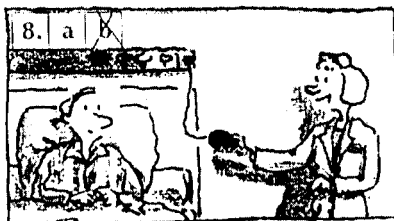
O uso do pronome pessoal “vous” é uma forma considerada *standard* em francês, seja no singular ou no plural, como indicação de formalidade, quando nos reportamos a pessoas mais velhas ou indicando hierarquização entre interlocutores.

Na enunciação diretiva acima, são produzidos efeitos de sentidos de subordinação entre locutora (a “funcionária”) e o interlocutor (o “patrão”). O funcionamento discursivo reforça a hierarquização e distanciamento profissional entre as posições representadas.

No próximo exemplo (13), podemos observar o modo imperativo nas formulações diretivas de mulheres com outro sentido que o de ordem.

TRANSCRIPTION:

8. a. - En cas de problème, vous êtes prie de sonner.
 b. - En cas de problème, appuyez sur la sonnette.



“ – En cas de problème, appuyez sur la sonnette” (T2, pp. 43).

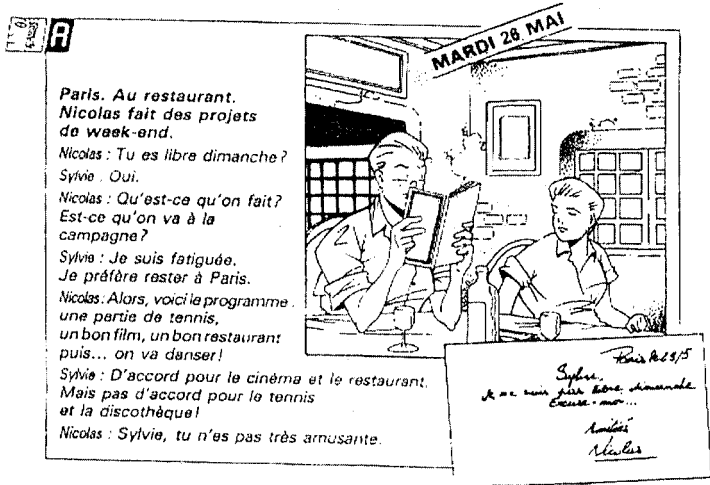
O emprego do modo imperativo “appuyez” pela locutora indica, na enunciação, uma forma exortativa e solícita em relação ao interlocutor. O funcionamento discursivo indica uma recomendação ao interlocutor.

C) Modos de dizer desqualificadores

C.1) Em formulações para posições enunciativas de homens

Analisamos a seguir formulações para posições enunciativas de homens, em relação a mulheres, através de contextos produzidos nas esferas pública e privada, evidenciando tendências à produção de efeitos de sentidos de desqualificação do interlocutor.

No exemplo (14), é possível observar a desqualificação da interlocutora na modalização marcada pela negação “n’es pas”.



“ – (...) Sylvie, tu n'es pas très amusante” (LNSF1, pp. 24).

A enunciação do locutor produz efeitos de sentidos tendendo à reprovação e desqualificação da resposta da interlocutora. Não há indicação de espaços para a argumentação do locutor contra a resposta da interlocutora, pois as formulações do interlocutor delimitam o diálogo. Há uma tendência na posição enunciativa do locutor em não permitir a reversibilidade do discurso.

Nesta análise do universo feminino, em livros didáticos de FLE, verificamos a existência de ressonâncias que constroem discursivamente uma presença feminina em que prevalecem, em contextos profissionais da esfera pública, posições de “solicitude”, nas quais estar à disposição do outro é característico (conforme as ressonâncias observadas nos itens lexicais “secretária”, “enfermeira”). Os sentidos de “solicitude” enfatizam, ainda, representações femininas vinculadas ao “instinto maternal” (cf. estudos PAGU), pela ressonância de itens como “professora” e “tenho filhos”.

Na análise dessas ressonâncias discursivas, seja em torno de itens lexicais ou modos de dizer, as representações do universo feminino estão construídas em um “lugar social secundário e subalterno”, em comparação às representações discursivas masculinas em “lugares de comando e decisão”, considerando que, para estes, ressoam o item “patrão”. Nessas representações da mulher, há, comparativamente às representações masculinas, ressonâncias que constroem, no discurso, uma hierarquização entre os interlocutores homem-mulher.

Nos exemplos de ressonâncias discursivas em torno de modos de dizer desqualificadores (enunciações de homens), as representações do universo feminino tendem a indicar sentidos rotuladores da interlocutora como “pouco divertida”, ou salientando falhas como “você comete erros”. Essas ressonâncias observadas nos levam a operar com a seguinte expressão adaptada das formações imaginárias de Pêcheux para o caso do LD: [I_eLD (UF)], i.e., “a imagem do enunciador do livro didático em relação ao universo feminino”. Esta expressão define a tendência em se construir representações conservadoras e discriminadoras respectivamente à participação da mulher na sociedade, seja na esfera pública ou na esfera privada. A análise permite-nos mostrar que, ao fio do discurso dessas representações, funcionam contradições derivadas, as quais partilham as mesmas condições de exercício da função enunciativa. Podemos, então, verificar duas modulações pertencendo à mesma formação discursiva (FD) dissimétrica, adotando posições de aliança nessas formulações. Caracterizamos a primeira formulação como modulação discriminadora categórica e a outra, modulação polêmica. Para a modulação discriminadora categórica correspondem os enunciados cujos sentidos produzidos são os de “lugar profissional secundário ou subalterno” para o universo feminino. Ao mesmo tempo, a modulação polêmica instaura-se pelas enunciações que sugerem “lugar de participação da mulher no mercado de trabalho”, com prestígio social, ainda que em dissimetria ao “lugar para participação masculina”.

Verificamos também que, na modulação discriminadora categórica as enunciações respectivas ao universo feminino conciliam a “mulher profissional” com a “mulher-esposa-mãe”, inter-relacionando a esfera pública com a privada; isso não acontece na modulação polêmica, pois nela as enunciações relativas ao universo feminino não produzem efeitos de sentido que vinculem a “mulher profissional” ao casamento ou à maternidade.

Nos três LDs, há ambas modulações para o universo feminino. No entanto, existe uma tendência maior no LD “Le Nouveau Sans Frontières” para a modulação polêmica (marcas propiciadoras de mudanças discursivo-sociais em relação ao universo feminino, correspondendo a profissões de prestígio social, não-secundárias ou não-subalternas para a mulher, tais como: “investigadora”, “jornalista”, “diretora”). Nos LDs “Le Nouvel Espaces” e “Tempo”, a predominância é a da modulação discriminadora categórica.

Considerações Finais

Minha posição, nesta pesquisa, alinha-se àquela que considera como ponto central as práticas discursivas em contexto pedagógico (Serrani, 1988, op. cit.). Minha preocupação está voltada na área de Língua Aplicada, considerando a formação do professor de Língua Estrangeira, a elaboração e avaliação do material didático: é o professor quem deve avaliar o material didático, e utilizá-lo criticamente como um mediador no contexto pedagógico, e um dos elementos constitutivos das condições de produção em sala de aula. Este estudo não trata somente de denunciar os “elementos ideológicos” contidos no discurso didático, pois isto é fato, mas, sobretudo, de sensibilizar os formadores para a necessidade de uma conscientização do professor de LE respectivamente ao estudo das contradições da sociedade representadas no DD, visando à prática discursiva em sala de aula.

Nós, lingüistas aplicados e professores, devemos nos interessar cada vez mais (e mais profundamente) em melhor compreender os processos que envolvem o campo aplicado em ensino/aprendizagem de LE. Por exemplo, refletir sobre significados que permeiam a inter-relação de língua e sociedade. Um caminho, neste sentido, é a análise discursiva de textos. Cabe ao professor, portanto, atuar de modo mais consciente e crítico na utilização do LD e de outros materiais didáticos. Ele precisa estar consciente, entretanto, da articulação entre a materialidade lingüística e processo discursivo corroborando na produção de efeitos de sentido (Serrani-Infante, 1998:144-145). O professor deve questionar a ideologia subjacente ao discurso didático, sabendo e oferecendo aos aprendizes instrumentos capazes de estimular o processo necessário à construção de conhecimento lingüístico-sociocultural (Kleiman, 1992a). Assim, este trabalho se propõe como uma contribuição para o aprimoramento do docente.

Ao analisar atividades lingüístico-pedagógicas, o professor de Língua Estrangeira deve ter em mente a importância de se potencializar a mobilização da discursividade dos protagonistas do discurso pedagógico: o professor e o aprendiz. Se ele não tiver a orientação e experimentação a respeito de como avaliar, analisar mais criticamente o material didático, relativamente a questões discursivo-sociais, também ele estará sujeito a incorrer na reprodução da ideologia subjacente no discurso desse material. Conseqüentemente, ele estará influenciando a compreensão/produção de linguagem em sala de aula. Acreditamos, pois, que o questionamento sobre valores e ideologias veiculadas nesses materiais deve, portanto, ter início na formação do professor, buscando a adequação da língua ao contexto e à função social.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Ces mots qui ne vont pas de soi, boucles réflexives et non-coïncidences du dire, **Larousse**, vol. 2, Paris, 1995.

- BASSANEZI, C. B. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher** (1945-1964), Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1996.
- CAMERON, D. "Verbal hygiene for women: linguistics misapplied?", **Applied Linguistics**, vol. 15, n.º 4, Oxford University Press, Oxford, 1994.
- CHARAUDEAU, P. "L'Interculturel: entre mythe et réalité", **Le français dans le Monde** n.º 230 (numéro spécial), Hachette/EDICEF, Vances, 1994.
- COLLING, A. M. O cérebro fio partiu-se: Foucault, a psicanálise e a história das mulheres, **Letras de Hoje**, vol. 32, n.º 1, pp. 125-158, Porto Alegre, 1997.
- CONNINSWORTH, A. **Evaluating and Selecting EFL teaching Materials**, Heinemann Educational Books, Londres, 1987.
- DE RYCHE, C. "Stereotypes and men's & women's discourse: a personal view on the relation between language and gender", artigo extraído da NET, baseado no livro **Gender Voices** (1989), de Graddol & Swann, 1997.
- FERONHA, M. L. **Gender issues in the visual representations of brasilian EFL textbooks**, Tese de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1995.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**, 5ª edição, Forense Universitária, Rio de Janeiro (1ª edição: 1969), 1997.
- FREED, A. **Language and gender, annual review of applied linguistics**, vol. 15, pp. 3-22, Cambridge University Press, Cambridge, 1995.
- FREUD, S. "Feminilidade: conferência XXXIII", **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**, vol. XXII (1932-1936), pp. 138-165, Imago Ed. Ltda., Trad. José Luís Meurer, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1976.
- GADET, F. & Hak, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux, Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- HEBERLE, V. **An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines**. Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 1997.
- JUNOD, H. "La voix des femmes, littérature francophone - séquences didactiques et autres pratiques d'enseñemen", **Dialogues et cultures** n.º 39, pp. 177-196, FIF?DES, Suiça, 1995.
- KLEIMAN, A. B. **Cooperation and control in teaching: the evidence of classroom questions**, DELTA, vol. 8, n.º 2, UNICAMP, Campinas, 1992.
- _____. "O ensino de Língua no Brasil", In Paschoal & Celani (orgs.), pp. 25-36, EDUC, São Paulo, 1992.
- MATOS, M. I. S. "Do público ao privado: redefinindo espaços e atividades femininas", **Cadernos PAGU: fazendo história das mulheres**, pp. 97-116,

publicação do PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP, Campinas, 1995.

_____. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros - percursos e possibilidades**, In Gênero e Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea (Matos & Soler, orgs.), pp. 83-114, EDUC, São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, M. **Homem e mulher, a caminho do século XXI**, Ática, São Paulo, 1997.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**, Pontes Editores, Campinas, 1987.

_____. "Paráfrase e polissemia. A fluidez nos limites do simbólico", **Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP - NUDECRI**, março 1998, n.º 4, Campinas, 1998.

PACHOAL & CELANI (orgs.) **Linguística aplicada - da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**, EDUC, São Paulo, 1992.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, 2ª ed., Editora da UNICAMP, Campinas, 1995.

SERRANI, S. M. "Por una política plurilingüista y una perspectiva pragmático-discursiva en la pedagogía de lenguas", In **Política lingüística na América Latina**, E. Orlandi (org.), pp.179-191, Campinas, Pontes, 1988.

SERRANI-INFANTE, S. M. "Transdisciplinaridade e Discurso em Linguística Aplicada", **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n.º 16, pp. 39-48, UNICAMP/IEL, Campinas, 1990.

_____. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**, Editora da UNICAMP, Campinas, 1993.

_____. "Análise de ressonâncias em micro-cenas para um estudo da identidade lingüístico-cultural", **Trabalhos em Linguística Aplicada** n.º 24, pp. 79-90, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. **Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas**, DELTA, São Paulo, no prelo, 1997.

_____. "Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA", In **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**, SIGNORINI E CAVALCANTI (orgs.), Mercado de Letras, Campinas, 1998.

SMELIK, A.(1998) "The carroussel of genders", artigo extraído da **Net**, pp. 1-13.